

Família Bromberg: da Alemanha para a zona sul de Porto Alegre (1900-1930)

Janete da Rocha Machado¹

Resumo: Este artigo apresenta resultados parciais de uma pesquisa em andamento intitulada “A Família Bromberg: da Alemanha para a Zona Sul de Porto Alegre (1900 – 1930)”, priorizando o veraneio da família, ocorrido no início do século XX, no balneário da Pedra Redonda, Zona Sul de Porto Alegre. A partir do uso da região para o lazer e o veraneio, e considerando as águas do Lago Guaíba como espaços de recreação e de descanso, o aproveitamento do local, desencadeou e sedimentou relações sociais e culturais que culminaram com o progresso da região. Para tanto, pretende-se uma análise das imagens fotográficas pertencentes ao álbum da família, gentilmente cedido à pesquisa. Assim, a investigação busca, por meio das fotos antigas, entender os costumes da época, tais como a prática de banho no Guaíba, o lazer das famílias burguesas porto-alegrenses e, principalmente, os períodos de férias de grupos oriundos de imigrantes alemães. Aplicando as ideias teórico-metodológicas de Ana Maria Mauad, no que concerne a questão da fotografia como imagem/documento, vê-se a imagem como índice ou marca de uma materialidade passada, na qual os objetos, as pessoas e os lugares geram informações sobre determinados aspectos do passado. Nesse sentido, será abordada a forma como a família Bromberg se apropriou do local, vivendo e convivendo com outros grupos, transformando a região em uma estação de repouso, de verão e de sociabilidades à beira rio.

Introdução

Documentos tais como imagens, entre elas, as fotografias, são suportes materiais na construção do conhecimento histórico e se enquadram na nova história cultural. É a ação humana de reapresentar o mundo, seja por meio da linguagem, do som ou das imagens. E essa representação dá a ver, remetendo a uma ausência. Conforme Sandra Pesavento é um “estar no lugar de”:

No início do século XX, os etnólogos Marcel Mauss e Émile Durkheim chamavam a atenção para essa construção social da realidade, realizada por meio de um mundo paralelo de sinais, o qual era surpreendido entre os povos primitivos que então estudavam. Tal realidade representada colocava-se no lugar do real concreto, até mesmo substituindo-o. Conceito de que os historiadores se apropriaram, as representações deram a chave para a análise desse fenômeno presente em todas as culturas, ao longo do tempo: os homens elaboram ideias sobre o real, as quais se traduzem em imagens, discursos e práticas sociais que não somente qualificam o mundo como

¹ Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Especialista em Rio Grande do Sul: História, Memória e Patrimônio/FAPA. Mestranda do curso de História/PUCRS. janeterm@gmail.com

também orientam o olhar e a percepção sobre essa realidade (PESAVENTO, 2008, 13).

Porém, para trabalhar com essas imagens é preciso saber olhar, ou seja, contextualizar e interpretar o que é visto. A fotografia utilizada como fonte e meio de informação para a recuperação dos fatos se transforma em um rico acervo, recompondo, assim, parte da história de um lugar e de um tempo. E um olhar bem atento a estes acervos pode evidenciar aspectos que comprovam a importância da fotografia enquanto registro histórico. Segundo Ana Maria Mauad: “As imagens nos contam histórias (fatos/acontecimentos), atualizam memórias, inventam vivências, imaginam a História” (MAUAD, 2005, 135).

Na primeira metade do século vinte, as novas formas de usufruir o tempo livre, associadas ao conforto proporcionado pelos investimentos, tornaram o balneário da Pedra Redonda, Zona Sul de Porto Alegre, um ponto de encontro e de entretenimento na região. Com direito a hotel, restaurante e confortáveis vivendas, a praia desenvolveu-se, tornando-se o “point” do verão da cidade.

O requinte esteve associado aos usos do local, pois era frequente a presença de uma elite ascendente, a qual utilizava o Guaíba não só para veraneio, como também para tecer relações sociais e políticas. É desse período a procura por confortáveis residências à beira rio, desenvolvendo assim, além da economia local, um espaço de sociabilidades, as quais serviam para o prestígio e o poder dos grupos.

Originária de uma importadora estabelecida em Rio Grande em 1863, a empresa Bromberg & Cia, passou às mãos do gerente Martin Bromberg em 1887, para então se tornar a maior distribuidora de maquinário alemão na América do Sul. A empresa ainda financiou a criação de outras indústrias e foi a introdutora das primeiras sementes selecionadas de fumo em Santa Cruz. As firmas Bromberg também se destacaram em outras áreas. Ao vender locomóveis a centenas de serrarias, as empresas incrementaram a indústria madeireira no Estado.

O nome Bromberg esteve vinculado também à construção das ferrovias, importação de locomotivas e construção de pontes férreas. Com filiais em Porto Alegre, Rio de Janeiro, Buenos Aires e Hamburgo na Alemanha, a empresa importava funilarias, máquinas para fábricas de cervejas, prelos de impressão, dínamos, motores de explosão ou a vapor, motores elétricos, caldeiras, máquinas agrícolas, máquinas para fábricas de papel, máquinas de costura, telefones, telégrafos e até automóveis. Assim, é fato que a concepção capitalista e o espírito empreendedor de alguns alemães, entre eles os Bromberg foi fundamental para o surgimento e o desenvolvimento das primeiras indústrias no estado.

Nesse sentido, será abordada a forma como a família Bromberg, constituída de membros importantes no comércio teuto-rio-grandense, se apropriou do balneário da Pedra Redonda, transformando a orla sul da cidade em uma estação de repouso, de verão e de sociabilidades à beira rio.

O veraneio na Pedra Redonda

Editada e impressa na Inglaterra, a obra “Impressões do Brasil no Século Vinte”, avalia as condições do Brasil às vésperas da Primeira Guerra Mundial e apresenta um histórico das empresas Bromberg, bem como de seus gestores.

De vários portos ingleses, de Hamburgo, Antuérpia e de Nova York, importam os srs. Bromberg & Cia., em grande escala, todas as espécies de ferragens, ferro bruto, maquinismos para toda a sorte de indústrias, arame, máquinas para agricultores, cimento, tintas, cevada e lúpulo para cervejarias e outros materiais para uso de fábricas diversas. A firma, que negocia a varejo e por atacado, tem igualmente uma bem montada seção de engenharia e outra para instalações elétricas.²

A obra citada também faz referência às terras adquiridas em Porto Alegre, na virada do século, por Waldemar Bromberg, um dos filhos de Martin: “O sr. Waldemar nasceu em Hamburgo, onde foi educado e adquiriu prática comercial. Na idade de 21 anos veio para Porto Alegre assumir as lojas Bromberg, das quais, quatro anos depois, se tornava sócio. É dono de valiosas propriedades em Porto Alegre”.³ Nesse período, em torno de 1900, Waldemar adquiriu terras na zona sul da cidade.

Entre essas propriedades está a chácara de veraneio da família situada no balneário da Pedra Redonda que, na ocasião, pertencia ao bairro Tristeza. Com uma infraestrutura completa montada para o lazer e o descanso, Waldemar e família podiam usufruir do espaço à beira do Guaíba, inclusive nos finais de semana. Na foto (figura 1) é possível identificar a família Bromberg em momento de lazer, de descontração e de conversas, permeando uma nova cena social em plena virada do século.

É importante salientar ainda que o caráter de exotismo do local, em meio à Mata Atlântica, servia para um público que tinha dinheiro e podia gastar com lazer e férias durante

² Um volume precioso para se avaliar as condições do Brasil às vésperas da Primeira Guerra Mundial é a publicação *Impressões do Brasil no Século Vinte*, editada em 1913 por Lloyd's Greater Britain Publishing Company, Ltd. e impressa na Inglaterra em 1918 para circular no Brasil e outros países. A obra tem 1.080 páginas. **Impressões do Brasil no século vinte. Sua história, seu povo, commercio, industrias e recursos.** Lloyds Greater Britain Publisching Companhy. 1918. p. 824. Disponível em: <http://www.novomilenio.inf.br/santos/h0300g00.htm>. Acesso em 12/07/2013.

³ Ibidem, p. 825.

alguns meses do ano.



Figura 1: Waldemar e família em sua chácara na Pedra Redonda/1910

Fonte: Acervo da Família Bromberg

Além disso, a indumentária dos fotografados, como sofisticados vestidos e elegantes ternos, possibilita um entendimento acerca do requinte dessa classe que dispõe de recursos financeiros. A imagem analisada deixa ver, portanto, sociabilidades, as quais incorporaram a ideia de um tempo vivido na zona sul, relacionando-se com a presença de famílias burguesas, sendo a maioria delas oriundas de imigrantes alemães. Uma herança, saudosamente, acalentada pelos mais velhos nas suas lembranças que remontam ao “glamour” e ao charme vivenciados, especialmente, nos meses de verão, às margens do Guaíba. Seguindo os estudos de Mauad, a fotografia, neste caso, pode ser usada com a “intenção de recuperar códigos de representações sociais e comportamentos de certa classe social num dado período histórico” (MAUAD, 2005, 144).

Na próxima imagem, vê-se novamente a família Bromberg em momento de recreio em sua chácara de verão (figura 2). Era comum, naqueles tempos, as famílias estrangeiras frequentarem os mesmos locais de sociabilidades como os clubes, as festas e, no verão, à beira do rio. E foi isso que aconteceu com os Booth (ingleses) e os Bromberg (alemães). Em torno de 1900, Wlademar Bromberg conheceu Dorothy Booth, com quem se casou e teve cinco filhos. É fato, portanto, que a comunidade de estrangeiros se aproximou, e muitos casamentos ocorreram a partir desse convívio. E, justamente, os ingleses e os alemães foram os que mais se identificaram.



Figura 2: As famílias Booth e Bromberg na Pedra Redonda/ 1910
Fonte: Acervo da Família Bromberg

A questão é que muitos imigrantes elegeram os balneários da zona sul de Porto Alegre para fazer o seu veraneio. Considerada uma estação balneária, a Pedra Redonda passou a significar o lugar onde se passava uma temporada de verão e férias. É importante que se diga que a partir do convívio de famílias (inclusive de etnias diferentes), o local se desenvolveu e isso foi criando espaços públicos e privados. É fato que as práticas de vilegiatura na região conduziram a sociabilidades e com elas incorporaram novos padrões de comportamento como a sensação de bem-estar adquirida em decorrência da mudança de ambiente (ares), adquirindo um caráter saudável do novo hábito.

A imagem (figura 2) registra o encontro entre as duas famílias: os Booth e os Bromberg. O momento, congelado no tempo, deixa ver um possível evento de confraternização entre os integrantes das duas famílias. Pois não era raro, na ocasião, acontecerem festas ao ar livre, os chamados “garden party”. O cuidado com o guarda-roupa, tanto masculino quanto feminino, remete ao requinte da “Belle Époque”, típico daquele período de transição.

No Brasil, o advento da modernidade vai proporcionar uma mudança nos costumes de uma classe ascendente. Para Sevcenko os grupos buscam, a partir do início do século vinte, uma estação de cura e recreio. Pensando na saúde, os novos hábitos acabam se tornando

impulsionadores do turismo, fortalecido pelo governo. Nos anos 1930, Vargas institui o direito geral ao repouso anual. Assim, todos aqueles que tinham posses poderiam usufruir de um tempo maior de lazer. “A ideia era partir para algum lugar distante, onde se pudesse escapar do controle dos familiares, dos vizinhos, das hierarquias profissionais, dos papéis sociais e das reservas de conduta”. Era o início da vocação balneária (...) fazendo das praias o foco principal do lazer e uma extensão natural dos quintais e das salas (SEVCENKO, 1998, 571). Assim eram as residências que possuíam praia particular na zona sul de Porto Alegre, pois as águas do Guaíba chegavam aos quintais dos fundos das famílias mais prósperas da cidade.

Foi nas primeiras décadas do século passado que o balneário da Pedra Redonda começou a acolher visitantes atraídos pelos belos cenários da região. A orla do Guaíba passou a significar o lugar onde se passava uma temporada de veraneio. Os banhistas vinham sempre. Alguns vinham sozinhos, outros acompanhados das famílias, porém todos se juntavam no lugar comum: à beira da praia. E era grande a expectativa daqueles que chegavam para as temporadas de banhos, de descanso e de diversão.

Surge, nesse período, em Porto Alegre, a necessidade de lazer que Dumazedier vai chamar de “a dinâmica produtiva do lazer”, ou seja, o progresso científico e técnico leva ao aumento do tempo livre, bem como as mudanças socioculturais conduzem a uma regressão dos controles institucionais e à emergência de um novo desafio social do indivíduo de dispor de si próprio. Dumazedier define o lazer como um conjunto de ocupações às quais o indivíduo pode entregar-se de livre vontade para repousar ou para divertir-se. “O lazer é primordialmente liberação do trabalho profissional que a empresa impõe. (...) é liberação das obrigações fundamentais primárias impostas pelos demais organismos básicos da sociedade” (DUMAZEDIER, 1979, 74).

Desta forma, a zona sul da cidade serviu como local para os grupos entregarem-se ao tempo livre. Sendo assim, os veranistas vinham em busca de repouso, divertimento e lazer junto aos ambientes naturais à beira rio. Um tempo do não trabalho. E para isso era preciso que os serviços atendessem as necessidades e expectativas desse grupo. Assim, havia aqueles que garantiam a permanência dos que chegavam, por trem ou pelo rio. O “estar” em uma estação balneária por um determinado tempo pressupunha variadas experiências. Para os grupos que se beneficiavam dos balneários, o veraneio representava um intervalo em suas vidas, o qual objetivava o descanso e o reequilíbrio do organismo, quebrando assim aquele tempo vivido ou o dia-a-dia desgastante do trabalho. Era a certeza de usufruir e descansar na

estação do calor e das férias. A permanência na Pedra Redonda por alguns dias ou semanas levava ao esquecimento do mundo do trabalho marcado pelo controle do relógio. Era a separação temporária dos afazeres da vida cotidiana e da rotina do trabalho.

A necessidade da residência de veraneio surge nesse contexto. Muitos desejavam adquirir sua vivenda na zona sul, porém, somente aos mais "endinheirados" era permitido tal conforto. É desse período a procura por terrenos e chalés, desenvolvendo-se assim, além da economia, um espaço de sociabilidades. A praia funcionou, desta forma, como um espaço de elitização, pois seus ocupantes faziam parte de uma classe privilegiada da sociedade porto-alegrense da época. Por conta dessa elite, ora residente, ora sazonal, o sucesso de algumas praias esteve associado sempre aos incrementos ocorridos no local. A “casa de praia” dos Bromberg (figura 3), erguida em torno de 1900, ficava à beira rio – possuindo, inclusive, “guarda-barcos” e atracadouro próprio, o que facilitava a prática de esporte dos alemães no Guaíba.



Figura 3: Residência de veraneio de Waldemar Bromberg na Pedra Redonda/1900
Fonte: Acervo da Família Bromberg

A residência de verão dos Bromberg priorizava espaço e conforto, conforme observado na imagem (figura 3). A vasta cobertura do telhado protegia do forte calor dos meses mais tórridos, proporcionando, assim, bem-estar aos frequentadores da propriedade. O avarandado, típico de casas de veraneio, servia para melhor acomodar a família e aos convidados. Sendo o atrativo maior, as águas limpas do Guaíba, a escada de poucos degraus

levava até a praia. A chácara também possuía jardins bem ornamentados, árvores centenárias e um piso de grama bem ao estilo alemão.

Com o passar do tempo, muitas famílias que faziam o seu veraneio na zona sul, passaram a residir no local. E assim foi com Waldemar Bromberg. Depois de seu retorno da Alemanha em 1919, Waldemar e Dorothy passaram a residir o ano todo na Pedra Redonda. Em torno dos anos 1930, devido à quebra da Bolsa de Valores de Nova York, as empresas enfrentaram uma forte retração nos negócios, obrigando a família a abrir o capital aos novos sócios. Entre as medidas de contenção, uma forçou Waldemar a residir definitivamente na zona sul da cidade. Assim, o novo empreendimento dos Bromberg, após reestruturação, passou a se chamar Bromberg Sociedade Anônima. As lojas em Porto Alegre se mantiveram até 1982, quando a firma encerrou todas suas atividades no Rio Grande do Sul.

Considerações finais

Modernos condomínios, localização privilegiada e uma das regiões mais valorizadas da cidade, assim, é hoje, o bairro Pedra Redonda, zona sul de Porto Alegre. Uma área nobre que se configurou, no passado, como local de veraneio, de lazer e de descanso da população porto-alegrense. A procura pelo lugar por imigrantes alemães, a partir do final do século XIX, ocasionou um desenvolvimento econômico impulsionado por melhorias urbanísticas e de infraestrutura aos bairros margeados pelo lago.

É importante que se diga que foi no alvorecer do século XX, que o cenário da orla sul da cidade transformou-se, tornando-se menos rural, mais urbano. Nesse período, surgem, na região, novos grupos, entre eles, uma elite residente e sazonal, proprietária de ricas moradias de veraneio, muitas delas à beira rio e com praia particular. Esse é o caso da família Bromberg, oriunda de imigrantes alemães, destaque no alto comércio de importação e exportação de máquinas industriais.

Os negócios bem sucedidos das firmas Bromberg irradiaram-se pelo sul do Brasil e por outros países da América do Sul, influenciando diretamente no desenvolvimento da economia do estado e na ascensão de grupos que tinham estreita ligação com a Alemanha. A aquisição de terras no balneário da Pedra Redonda se insere nesse universo de teutos brasileiros na zona sul de Porto Alegre. Atraídos pelos belos cenários e pela possibilidade de recreio na região, Waldemar Bromberg adquiriu uma chácara de verão para usos da família. Como era de costume na época, os grupos mais endinheirados da cidade residiam na Independência, como Waldemar, e veraneavam nas praias da zona sul de Porto Alegre.

Assim, considerando as águas do Guaíba como espaços de recreação e de descanso, o aproveitamento do balneário aqui analisado, desencadeou e sedimentou relações sociais e culturais que culminaram com o progresso de toda a região. A orla sul da cidade foi, durante muito tempo, o local preferido pelos porto-alegrenses que não podiam se deslocar até o litoral, e isso ocasionou um desenvolvimento econômico e urbanístico motivado pela vinda de famílias que visavam ao lazer e ao descanso. A realização por estar em uma estação de veraneio e o tempo livre vivido à beira rio foram alguns aspectos observados nas imagens fotográficas. A paisagem, muitas vezes, bucólica da natureza integrou esse cenário, o qual convidava ao prazer.

Nesse sentido, os estudos apontaram de que forma esses grupos se apropriaram do local, vivendo e convivendo entre si e transformando a região em uma estação de repouso, de verão e de sociabilidades à beira rio. Os progressos empreendidos pelas firmas Bromberg a partir da segunda metade do século XIX no Rio Grande do Sul, possibilitaram a ascensão social de integrantes da família, entre eles Waldemar Bromberg, os quais puderam, além de expandir os negócios, comprar grandes extensões de terras e vivendas em lugares aprazíveis como a Pedra Redonda.

Referências bibliográficas

- DUMAZEDIER, Joffre. **Sociologia empírica do lazer**. São Paulo: Perspectiva, 1979.
- Impressões do Brasil no século vinte. Sua história, seu povo, commercio, industrias e recursos. Lloyds Greater Britain Publisching Companhy. 1913.
- MAUAD, Ana M. Na Mira do olhar: um exercício de análise da fotografia nas revistas ilustradas cariocas, na primeira metade do século XX. Anais do Museu Paulista, São Paulo, v. 1, n. 13, p. 133-176, 2005.
- ROCHE, Jean. A colonização alemã e o Rio Grande do Sul. Tradução de Emery Ruas. Porto Alegre. Editora Globo. 1969.
- SEVCENKO, Nicolau. **História da Vida Privada no Brasil. República: da Belle Époque à Era do Rádio**. Porto Alegre: Companhia das Letras, 1998, v. 3.